

[TT01010]

Celebração Vicentina. -

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Celebração Vicentina. -

CELEBRAÇÃO VICENTINA

Cultura artística

Rio de Janeiro

A vinheta da capa do programa é a que ilustra o rosto da edição princeps de Gil vicente.

Comunicamos aos nossos associados que não modificamos o modo de escrever d`aquela época, respeitando a ortografia original, para não tirar o sabor todo especial das cousas antigas taes como nos legou o autor.

CELEBRAÇÃO VICENTINA

pela COMPANHIA AMÉLIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO, DO TEATRO NACIONAL ALMEIDA-GARRET DE LISBOA.

SEXTA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 1939

PROGRAMA

GIL VICENTE: Apresentação por Pedro Calmon (da Academia Brasileira)

AUTO da VISITAÇÃO ou MONÓLOGO do VAQUEIRO:

1º Prólogo de Afonso Lopes Vieira...Robles Monteiro

2º Prólogo do Auto

Vaqueiro.....João Villaret

AUTO PASTORIL PORTUGUÊS:

Vasco Afonso.....João Villaret

Catalina.....Amélia Rey Colaço

Joane.....Augusto Figueiredo

Fernando.....Vergílio Macieira

Madanela.....Maria Clementina

Afonso.....Pedro Lemos

Inez.....Maria Lalande

Margarida.....Maria Brandão

Clérigos.....Vital dos Santos

Robles Monteiro

Raul de Carvalho

Mário Santos

Música do Maestro Hermínio do Nascimento

AUTO DA LUSITÂNIA:

Diálogo "Todo o mundo e ninguém"

Berzebu (Diabo).....Raul de Carvalho

Dinato.....Pedro Lemos

Todo o Mundo.....João Villaret

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Ninguém.....Augusto Figueiredo

AUTO DA SIBILA CASSANDRA:

"Lieder" de Schumann, compostos sobre as cantigas de Gil Vicente.

"Que graciosa é a donzela" e "Desinquieta vai a moça"

Canto.....D. Alice Ribeiro

Piano.....Maestro Rolf Hirschmann

AUTO DA MOFINA MENDES:

Um frade (prólogo).....João Villaret

A Virgem.....Amélia Rey Colaço

Prudência.....Beatriz Santos

Pobreza.....Maria Santos

Humildade.....Maria Brandão

Fé.....Lucília Simões

O Anjo Gabriel.....Maria Lalande

S. José.....Vergílio Macieira

André.....João Villaret

Paio Vaz.....Raul de Carvalho

Pessival.....Pedro Lemos

Mofina Mendes.....Maria Clementina

Braz Carrasco.....Mario Santos

Barba Triste.....Vital dos Santos

Tivaldinho.....Augusto Figueiredo

Anjos

Música de cena (portuguesa do século XVI)

Coligida por António Lamas

GIL VICENTE

(1465- 1536)

(Estudo especialmente escrito para figurar no presente programa-memória)

Gil Vicente deve ter nascido entre 1460 e 1470, possivelmente na região da Beira, e trouxe na alma duas vocações: a do poeta e a do ourives, aliás tão próximas uma da outra, dado que é a poesia ouro essencial que só mãos predestinadas podem lavar.

Indo para Lisboa, não se sabe a que tempo, teve entrada na Corte. Tomou-o a rainha D. Leonor como ourives, e esta graça lhe abriu possibilidades que lhe favoreceram o gênio. Alcançou posições de relevo: vedor dos trabalhos de ourivesaria para o convento de Tomar e mosteiro de Nossa Senhora de Belém (1509); membro da Casa dos Vinte e Quatro e delegado dos mestrais (1512); mestre de balança da Casa da Moeda de Lisboa (1513). Fornece-me estas datas o Sr. Fidelino de Figueiredo.

Celebração Vicentina. -

Em 1512, produziu, nas condições que adiante se referem, o MONÓLOGO DO VAQUEIRO, sua estréia nas letras, com que funda o teatro em língua portuguesa. Em 1506 acabou de lavar, em ouro trazido da Índia pelo Gama, a maravilhosa Custódia de Belém. Morreu, possivelmente, em 1536, na cidade de Évora, deixando um nome e uma obra que nunca desaparecerão da memória da Raça. A Afonso Lopes Vieira- um dos maiores poetas da nossa língua- cabe a glória de ter restaurado, com a sua memorável Campanha Vicentina, o culto pela obra de Mestre Gil.

Em verdade, entre os acontecimentos prodigiosos, com que ao alvorecer do século XVI marcou Deus na História o destino de exceção de Portugal, o menos surpreendente não foi, sem dúvida, o aparecimento do poeta-ourives.

Se há presente no mundo, como afirmo, e deve de cada vez melhor condensar-se, como espero, a realidade de um vasto Império cristão de língua luso-brasileira, estendendo-se através de todos os continentes, na sua insuperável grandeza futura assestará ainda essa esplêndida realidade sobre fundamentos de que Gil Vicente é uma das pedras angulares.

Isto simplesmente pelo fato de haver ele fundado, não apenas o teatro em língua portuguesa, mas uma forma diferente de teatro, na qual nitidamente se opõe, ao sentido pagão do teatro helênico, o sentido cristão da vida, que haveria de partir, que continuará partindo na história, como o vinho novo da parábola, todos os velhos ôdres da arte do paganismo.

O teatro é síntese suprema, condensação prestigiosa das virtualidades criadoras de um povo, de uma época, ou, mais largamente, de toda uma cultura. Os trágicos e cômicos da Hélade, os trágicos e cômicos latinos, o múltiplo Shakespeare, Racine e Molière no XVII século francês, o escandinavo que exprimiu toda a vacilação e incerteza morais do século XIX, no-lo estão a afirmar.

Ora, a conceber-se uma hegemonia de espírito alcançada, em tempos que virão, no desdobramento ilimitado de suas forças, por aquele vasto Império, é de imaginar-se também que o seu gênio criador e a sua cristianíssima venham a afirmar-se principalmente no domínio do teatro. E essa futura afirmação não poderá deixar de ser a floração suprema da humílima semente que em 1502 Gil Vicente plantou, e cujas primeiras magníficas ramas ele mesmo colheu, nesse longínquo século XVI.

É de relevância absoluta, dada a gloriosa sugestão que aí lanço, o fato de haver Gil Vicente fundado, como disse, não apenas o teatro em língua portuguesa, mas um teatro novo no mundo, diferente do grego, que se diria, no entanto, haver criado padrões insubstituíveis, e oposto ao grego, na sua substância profunda de pensamento e sentimento.

Porque, quando o dinamismo criador formidável, na hora daquela hegemonia espiritual sonhada, mover, no vasto Império, numa qualquer de suas províncias diversíssimas, a alma de um poeta, ou de toda uma geração, ou de muitas gerações de poetas, no sentido da afirmação totalista que o teatro significa, na pura tradição vicentina é que esses realizadores audazes encontrarão apoio na empreitada gigantesca.

O grande teatro do Império,- por que não hei de sonhar um pouco neste instante, se tão poucos momentos de sonho me são dados,- o grande teatro do Império, transcontinental cristão de língua luso-brasileira, e que forçosamente, porque será uma expressão rática, terá de apoiar-se na tradição, não poderá nascer do teatro grego: este foi flor de fruto do paganismo, do espírito naturalista da Grécia antiga, de um pathos que se nos tornou estranho e alheio; não poderá nascer de Shakespeare, porque Shakespeare é a visão espetacular da vida, e, portanto, de essência anti-cristã; não poderá nascer de Racine, que esgotou, aliás em

sereníssima beleza, as possibilidades últimas de exploração cristã dos padrões gregos; não poderá nascer de Henrik Ibsen, porque este já veio da semente vicentina. O grande teatro do Império, buscando fonte na tradição, porque terá de ser expressão rácica, irá redescobrir Gil Vicente e a sua genial invenção de um teatro cristão dos povos de nossa língua.

Ora, o criador do MONÓLOGO DO VAQUEIRO, e do AUTO DA ALMA, tomou para nós, o povo atual, e para o povo futuro do Império, tal significação pelo seguinte: porque, em pleno Renascimento, foi uma afirmação em plenitude do substancial espírito mediéxico e das virtudes fundamentais da Raça. O Renascimento é uma barreira: representa, na história, não propriamente uma transmutação, mas uma "remarcação" de valores. Nada do que não teve o seu placet conseguiu sobreviver na modernidade. E o seu placet era o do espírito naturalista e orgulhoso, era, no fundo, o do espírito que nega Deus. Só agora é que aos poucos se remove o entulho enorme de esquecimento e desprezo sobre que haviam ficado sepultados as grandezas maiores da Idade Média.

Gil Vicente, porém, com tal força de gênio tinha vindo, e tão sob o amparo da Providência, que, renegando, desconhecendo as fórmulas renascentistas, se impôs, no entanto, tal qual era, com toda a sua extraordinária espiritualidade mediéxica, como valor do Renascimento. De sorte que atravessou a barreira, trazendo a salvo para o outro lado o ouro puro da tradição gloriosa, que lavraria na sua obra de teatro com a mesma lúcida intuição com que lavrou no ouro da Índia a Custódia admirável.

Assim ocorreu o fato memorável:

Estava a rainha D. Maria doente de parto. Nascera-lhe o que ia ser D. João III, o colonizador do Brasil. Uma noite, irrompe-lhe pelo quarto do resguardo, o ourives da rainha mãe, Gil Vicente, fantasiado de pastor, o qual, subreptício e surpreendente, como seria a sua obra inteira, se pôs a recitar, em homenagem à soberana e ao filho augusto, o que depois se veio a chamar o monólogo da Visitação ou do Vaqueiro. Era a 7 de Junho de 1502. Começou nessa noite a existir o teatro novo.

Do monólogo da Visitação desdobrou-se a obra do poeta nas produções seguintes, segundo a ordem cronológica estabelecida pelos entendidos na matéria: AUTO PASTORIL CASTELHANO, AUTO DOS REIS MAGOS, AUTO DE SÃO MARTINHO (inacabado), QUEM TEM FARELOS?, AUTO DA ÍNDIA, AUTO DA FÉ, AUTO DAS FADAS, FARSA DOS FÍSICOS, VELHO DA HORTA, EXORTAÇÃO DA GUERRA, SIBILA CASANDRA, COMÉDIA DO VIÚVO, AUTO DA FAMA, AUTO DA FESTA, TEMPLO DE APOLO, TRILOGIA DAS BARCAS (Autos da Barca do Inferno, da Barca do Purgatório, da Barca da Glória), AUTO DA ALMA, COMÉDIA DE RUBENA, CÔRTEZ DE JUPITER, FARSA DAS CIGANAS, INEZ PEREIRA, AUTO PASTORIL PORTUGUÊS, FRAGOA DE AMOR, D. DUARDOS, AMADIS DE GAULA, O JUIZ DA BEIRA, CLÉRIGO DA BEIRA, JUBILEU DE AMORES, SERRA DA ESTRELA, NAU DE AMORES, AUTO DA FEIRA, BRASÃO DA CIDADE DE COIMBRA, HISTÓRIA DE DEUS, RESSUREIÇÃO. São títulos de autos, farsas, comédias, tragi-comédias, mistérios... De valor desigual naturalmente. Cadeia de montanhas, com depressões sensíveis, mas com altos e luminosos píncaros que, à distância de quatro longas centúrias, ainda nos aparecem aos olhos em todo o seu virgem esplendor de beleza. Assim o AUTO DA ALMA, a trilogia das BARCAS, o AUTO DA FÉ, INEZ PEREIRA: obras primas que significam um descobrimento, algo de inédito, de inesperado no mundo, e cujos secretos acentos hão de reviver em construções prestigiosas de um tempo criador vindouro, em região predestinada do vasto Império trancontinental...

Celebração Vicentina. -

Tasso da Silveira

MONÓLOGO DO VAQUEIRO

MONÓLOGO DO VAQUEIRO

1502

Versão do castelhano por Afonso Lopes Vieira

Por quanto a obra de devoção seguinte procedeu de uma Visitação que o autor fez ao parto da muito esclarecida rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excelente príncipe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, se põe aqui primeiramente a dita Visitação por ser a primeira cousa que o autor fez e que em Portugal se representou, estando o mui poderoso rei Dom Manuel, a rainha [Dona Leonor, sua irmã, a infanta Dona] Beatriz, sua mãe, e a senhora duquesa de Bragança sua filha, na segunda noite do nascimento do dito senhor. E estando esta companhia assim junta, entrou um vaqueiro, dizendo:

PARDEUS! Sete arrepelões

me ferraram à entrada,

mas eu dei uma punhada

num daqueles figurões!

Porém, se de tal soubera,

não viera;

e, vindo, não entraria,

e se entrasse eu olharia

de maneira

que nenhum me chegaria.

Mas está feito, está feito;

e, se se for a apurar,

já que entrei neste lugar

tudo me sai em proveito.

Té me regala ver cousas

tam formosas

que me fico parvo a vê-las!

Eu remiro-as, porém elas,

de lustrosas,

a nós-outros são danosas.

Fala à Rainha

Meu caminho não errou?

Deus queira que seja assim,

que eu já pouco sei de mim

nem deslindo adoente estou.

Celebração Vicentina. -

Nunca vi cabana tal
em especial
tão notável de memória:
esta deve ser a glória
principal
do paraíso terreal!
Seja que não seja, embora,
quero dizer ao que venho,
não diga que me detenho
a nossa aldeia já agora.
Por ela vim saber cá
se certo é
que pariu Vossa Nobreza?
Crei que sim, que Vossa Alteza
tal está
que de isto mesmo dá fé.
Mui alegre e prazenteira,
mui ufana e esclarecida,
mui perfeita e mui luzida,
mui mais que de antes era.
Oh! Que bem tam principal,
universal!
Nunca tal bem se logrou!
Por minha fé, saltar vou!
Eh! Zagal,
diz lá, diz lá, saltei mal?
Quem queres que não rebente
de alegria e gasalhado!
De todos tam desejado,
este príncipe excelente
oh! Que Rei terá de ser!
A meu ver,
devíamos soltar gritos
de prazer!
Desde ontem nossos cabritos

nem cuidam já de pascer.
E todo o gado retouça,
toda a tristeza se quita;
com esta nova bendita
todo o mundo se alvoroça.
Oh! Que alegria tamanha!
A montanha
e os prados re floriram,
porque agora se cumpriram
cá nesta mesma cabana
Que grão prazer sentirá
todas as glórias da Espanha.
Que grão prazer sentirá
a grão côrte castelhana!
Quão alegre e quão ufana
a vossa mãe estará,
e à uma toda a nação!
Com razão,
que de tal Rei procedeu
o mais nobre que nasceu:
seu pendão
não sofre comparação.
Que pai, que filho e que mãe!
Oh! Que avó, que avós os seus!
E suas tias também!
Bendito o Senhor dos céus
porque tal família tem!
Viva o príncipe logrado
que é o bem aparentado!
Juro a São Junco sagrado.
Se agora vagar tivera
e depressa não viera,
juro que daria então
conta desta geração.
Será Rei Dom João terceiro,

Celebração Vicentina. -

e herdeiro

da fama que nos deixaram
nos tempos em que reinaram,
o segundo e o primeiro
e inda outros que passaram.

Mas ficaram-me lá fora
uns trinta ou mais companheiros,
porcariços e vaqueiros,
e vou chamá-los agora;
eles trazem pra o nascido
esclarecido,
ovos e leite fresquinhos
e um cento de bolinhos;
mais trouxeram
queijos e mel, o que puderam.

E ora os quero ir chamar,
mas, por via dos puxões,
agarrem os figurões
pra a gente poder entrar.

Entraram certas figuras de pastores e ofereceram ao Príncipe os ditos presentes.

AUTO PASTORIL PORTUGUÊS

AUTO PASTORIL PORTUGUÊS

O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso senhor Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Évora, pelo Natal, era do Senhor de 1523.

FIGURAS:

Vasco Afonso (prólogo)- Catalina- Joane- Fernando- Madanela- Afonso- Inez- Margarida- Clérigos.

Entra primeiramente um lavrador per nome Vasco Afonso, e diz:

Pois que já entrei aqui,

não sem mescusa falar.

Eu sou dalém de Tomar

e casei com Almeirim,

ali mesmo no lugar.

Agora, agora, agora,

esta doma que lá vai

soma que casei embora

sem licença de meu pai,

e diz que a não quer por nora.

E seu pai er assi

Porque se casou furtada,

Nem chique nem chique, nem nada

Dão a ela nem a mim

Assi pola desnevada.

De maneira

queles têm birra de nós,

dizem que nem giesteira,

pois que nos casámos sós,

não temos na panasqueira.

Perém amor lhe tenho eu

e ela samicas a mim,

que ela o diz, soma assi:

-Porqu`ele não tem de seu,

meu pai deu-me, e eu fugi.-

E juramento faço ós céus

que deram tantas a enha esposa

Celebração Vicentina. -

que é pera dar graças a Deus;
porque bem como raposa
lhe`estiraram a ela os véus.

Ora o nosso cura er,
porque se paga dela
e sequais andou com ela
soma vonda que não quer
receber-nos a mim e ela.

Mas raivar,
que já recebidos semos:
dentro bem do seu linhar
todos os verbos dissemos
que se dizem ó casar.
Diziam a mim lá deles
que quem casa por amores
não vos nega dolores;
emperol, que sabem eles?
Deus faz dos baixos maiores.

Aguardai.
Digo agora que casei
sem licença de meu pai
e d`enha mãe: eu herdarei?
Ou sabeis com isto vai?
A mim dizem-me que não;
e é's daquela maneira
não herdo eira nem beira.
Mas não semelha rezão,
mas senefica cenreira:
que se fora
a cachopa peca ou charra,
ou algua zanguisarra,
preguiçosa ou comedora,
que brandassem muit`embora.
Mas tais vos fossem assi
as pulgas da vossa cama.

Soma abonda que minh`alma
me dixe lá em Almeirim
(não sei como s`ela chama):
-Vai, sandeu,
a Élvora por alvaral
d`el-Rei, que te dêem o teu,
como passar o Natal.-
E a isto vinha eu.
E um Gil, um Gil, um Gil,
(que má retentiva hei!)
um Gil, já não te direi:
um que não tem nem ceitil,
que faz os aitos a el-Rei;
ele me fez
e tirou de minha aquela
muito inda em que me pês,
que entrasse cá na capela
previcar um antremês.
Aito cuido que dezia
e assi cuido que é;
mas não já aito, bofé,
como os aitos que fazia
quando ele tinha com quê.
Mas o mundo
é já de gorgomelado;
tod`o bem se vai ó fundo,
o dinheiro anda acossado
e o prazer vagabundo.
Abonda. Entrarão perém
treze trolucutores,
estes são todos pastores
da Serra d`Estrela vê
em preito com seu amores.
Atimar.
Entrará Branca falando

Celebração Vicentina. -

com Inez, ambas a par,
cantando de quando em quando,
e às vezes suspirando
entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha
e Constança das Ortigas
que em tod`o vale das Corigas,
nem na vila mui asinha,
não jazem tais raparigas.

E, como entrar,
sairá a bailar Valejo,
o galinheiro qu`em Tomar
chamava ao coelho- conejo;
esse mesmo há-de bailar.

E por festa a Ramalhoa
bailará com Pero Luz,
vestido no seu capuz;
e farão a entrada boa
do bailo c`o sinal da cruz.

Pé-de-ferro,
bofá um bom escudeiro,
bom homem lá per seu erro,
ledo, humilde, prazenteiro,
salvos nega se m`eu erro.

Este sairá a terreiro
com ua regateira baça
que quando vende na praça
tange às vezes um pandeiro;
estes ambos terão graça.

A cristaleira
e o almotacel pequeno
bailarão à derradeira,
e tanger-lhe-á o Moreno,
que sabe os bailos da Beira.
Frades virão vinte e sete,

que vêm de furtar melões,
e virão três hortelões
que trarão preso num grumete
sem jaqueta nem calções.

E acabado

que os frades todos andarem
um contrapasso trocado,
e os outros atimarem,
será o aito atimado.

Entra Catalina, pastora, cantando, com o gado

Tirai os olhos de mim,
minha vida e meu descanso,
que me estais namorando.

Fala

Cha, cha, cha, raivaram elas!

Samicas doudejais vós?

S`eu lá vou, veremos nós
se sondes cabras, s`aquelas.

O Decho se chantou nelas!

Cha, cha, cha, reira de morte,
nem no mato nem na corte
não pode o Decho co`elas.

Cantando

Tirai os olhos de mim,
minha vida e meu descanso,
que me estais namorando.

Os vossos olhos, senhora,
senhora da fermosura,
por cada momento d`hora
dão mil anos de tristura.

Temo de não ter ventura;
vida, não m`esteis olhando,
que me estais namorando

Vem Joane

CATALINA

Celebração Vicentina. -

A que vens, Joane, cá?

JOANE

Bofás samicas não sei.

Est`outra doma te catei

casuso, e não era lá;

preguntei a ta mãe por ti.

CATALINA

Tu a minha mãe por mim?

JOANE

Abém, digo:- Qu`é de Catalina?-

e ela estava mofina,

disse-me:- E que lhe queres assi?-

Bem sei eu que j`ela aventa

que ando eu contigo à choca;

que quando t`eu trougue a roca

j`ela estava rabugenta.

CATALINA

Não t`empaches de mim, não.

Cha cha cha, demoninhadas!

JOANE

Pois sicais te quero aosadas

grande bem, se vem à mão.

Sempre eu hei-de ser contigo

lá detrás da casa ó sol.

CATALINA

Joane, vai fazer prol:

que tens tu de ver comigo?

Jesu! Como m`amofina!

JOANE

Já tu aqui és, Catalina,

com tua destêmpara?

CATALINA

Si:

ora vai-te aramá d`hi.

JOANE

Alguém t`a ti empipina.

CATALINA

Quem m`há a mim d`empipinar?

JOANE

Pode ser que alguém t`engane.

CATALINA

Digo que te vás Joane,
que não te quero escutar.

Cuidas tu que sam menina?

JOANE

E dei-te eu a roca, Catalina,
e subi em cima de pereira,
e tu agora à derradeira
jogas começo almolina?

CATALINA

Que falas, ou que hás contego,
que tudo isto não te presta?

JOANE

Pardeus, forte birra é esta
que tomaste hoje começo!
Quorqu`és má dia entirrada?
Eu não quero de ti nada
senão abraçar como amiga.

CATALINA

Quem te desse ua grão figa
nos olhos bem pespegada!

JOANE

É essa a tua saia nova?

Mostra cá a ver que lã tem.

CATALINA

Joane!

JOANE

Catalina!

CATALINA

Ora bem, o demo t`a ti faz a cova.

Celebração Vicentina. -

JOANE

Tomai lá! Esta vos é ela!

CATALINA

Tal foste com Madanela,
e sempre chufou de ti:
pois qu`esperas tu de mim,
que sam mais valente qu`ela?

JOANE

Ó Déxemo que t`eu digo,
que porque isso é já sabido,
ando eu assi transido
e o demo anda começo.
Renego ora d`enha mãe,
porque as lágrimas me saem
o dia que te não vejo;
e tu tens-me tal enteço
que os esp`ritos se me caem.

CATALINA

Choros maus chorem por ti.
Quem te manda a ti chorar?

JOANE

Tu m`hás-de fazer botar
mui cedo per esse chão per hi;
não sejas ora entirrada,
Catalina minha dama,
que cedo hei-d`ir à feira
e eu farei de maneira
que tu sejas bem toucada.
Não m`arrarão alfenetes,
e também enxaravia.

CATALINA

Aperfia tu, perfia,
que c`o Déxemo te metes.

JOANE

Que cachopa esta, e que vida!

CATALINA

Cuidas que sam Margarida,
que andavas pola chufar?

JOANE

Eu?

CATALINA

Abém.

JOANE

Atimar.

CATALINA

Mas vai-te co`a má ida.

JOANE

Cant`eu não sei que te fige,
que tal escândola me tens.

CATALINA

Mas não sei a que cá vens.
Que a ninguém tanto mal quige.

JOANE

Por bem querer, mal haver.

CATALINA

Ora tens bem de comer.

JOANE

Isso é foscas mui asinha
por me meter rebentinha;
mas perol não t`hei-de crer.

CATALINA

Vai, vai, Joane, bugiar,
não andes como alpavardo.

JOANE

Viste já o meu saio pardo?
Se m`o vês hás-de raivar,
que m`está tam bem, tam bem...
-Que demo é isto?- dirás tu.

CATALINA

Oh! Como és parvo! Jesu!

Celebração Vicentina. -

Não fales ante ninguém.

JOANE

Oh! Comendo ó demo a vida

a que a eu arrenpincho!

Catalina, se me eu incho,

Par esta que me vá de ida.

A Índia não está hi?

Que quero eu de mim aqui?

Milhor será que me vá.

CATALINA

E a mim que se me dá?

Eis Fernando vem ali.

Entra Fernando

CATALINA

Venhas embora, Fernando!

Eu t`esperei à portela.

FERNANDO

Parece cá Madanela?

CATALINA

Spera! Que a andas buscando!

Já me tu a mim entejuste?

JOANE

Ah si, Catalina?

CATALINA

Tu vás-te

andar polos chavascais.

JOANE

Ah si, Catalina?

CATALINA

Ora nomais;

avonda que me leixaste.

JOANE

Ah si, Catalina?

FERNANDO

Não diz

pera hu foi Madanela.

CATALINA

Porque perguntas por ela?

JOANE

Porque a fortuna quis.

CATALINA

Dôres de morte te dêem.

JOANE

Ah si, Catalina? Ora bem:

se xe m`eu isso soubera,

nunca t`eu a roca dera

que trougue de Santarém.

MADANELA (de longe)

Hai Catalina! Catalina!

FERNANDO

Aquela te é Madanela.

CATALINA

Hou!

FERNANDO

Pera cá vem ela.

JOANE

Mui grande é minha mofina!

Olha cá pera ond`estou.

CATALINA

Ó diabo que t`eu dou!

JOANE

Amem, que m`eu encomendo,

e não m`estarei moendo

na desenterea em que estou.

Vem Madanela, e diz:

Afonso parece cá?

Eu não sei onde ele anda.

FERNANDO

Inda dura essa demanda?

MADANELA

Celebração Vicentina. -

Inda dura e durará.

FERNANDO

Ó caiso mal comedido!

Ando eu por ti perdido
e tu andas-me assoviando.

CATALINA

Queres tu do pão, Fernando?

FERNANDO

Estarei bem aviado
e muito bem corregido.

MADANELA

Viste Afonso, Catalina?

CATALINA

Sabes tu ond`êle s`ia?

FERNANDO

Não lh`o digas.

MADANELA

Que perfia
de Fernando e de mofina!

FERNANDO

Grande ódio me tem.

JOANE

E Catalina a mim também.

MADANELA

Catalina, ond`estava ele?

CATALINA

Ei-lo vem: não é ele aquele?

JOANE

Aquele é ele qu`ali vem.

Vem Afonso

MADANELA

Afonso, venhas embora.

AFONSO

Não vejo eu Inez aqui.

MADANELA

Olha, olha pera mim,
que não sam feia má ora.

AFONSO

Viste-me Inez cá andar?

CATALINA

Casuso a vi eu estar...

AFONSO

Naquele outeiro?

CATALINA

Abém.

AFONSO

Preguntou-te por alguém?

CATALINA

Por Joane.

AFONSO

Ora andar.

Por mim não perguntou nada?

CATALINA

Não.

AFONSO

Raiva moída!

CATALINA

Por Joane é ela perdida.

JOANE

Está ela logo enganada.

INEZ (de longe)

Catalina! Hai Catalina!

CATALINA

Aquela é ela que retina.

Inez, vem cá, mana, vem.

JOANE

Se tu me quiseras bem,
não na chamaras, malina;
mas do malquerer te vem
Vem Inez

Celebração Vicentina. -

AFONSO

Venhas embora, Inez!

INEZ

Joane, queres belotas?

Mais quero eu às tuas botas
que a dous Afonsos nem três.

JOANE

Ó Catalina!

CATALINA

Ó Fernando!

FERNANDO

Ó Madanela!

MADANELA

Ó Afonso!

Oh! Quando, quando
me quererás algum bem?

AFONSO

Ó Inez! Quanto mal tem
esta maleita em que ando!

INEZ

Ó Joane! Quão amiga
que sam do teu bom doairo!

JOANE

Se não tens outro reparo,
Cant`eu não sei que te diga.

FERNANDO

Isso chamam amor louco:
eu por ti e tu por outro.

Rogo-te aramá, Madanela,
pois má hora te vi, e nela
que m`escutes ora um pouco.

Porque alorrém se me entende,
eu a doma que passou
este braço me ganhou,
emperol gansei perende

abonda que um de cem,
um de cem e um vintém.
Meu pai er tem bem de seu,
e não tem filho, negu`eu:
está atente cá, Madanela,
vem agora a Pascoela,
casemo-nos tu e eu.

MADANELA

Catalina é minha amiga,
sei que se paga de ti.

CATALINA

Fernando, por meu mal te vi,
como lá diz a cantiga.

JOANE

Oh! Comendo ó Decho a praga!
Gingrai lá com tais cachopas,
Leixas quem de ti se paga.

CATALINA

E tu porque não fais sopas
com Inez, pois que t`afaga?

INEZ

Agora lhe fio eu
ua camisa de linho.

Queres, Joane, toucinho
c`um pouco de pão do meu?

AFONSO

E a mim raiva que m`aperte.

INEZ

Vai-te, que não quero ver-te:
não tens tu aí Madanela?

Fala, fala co`ela.

Ó diabo dou a morte.

Como é partuno, Jesu!

MADANELA

Afonso!

Celebração Vicentina. -

AFONSO

Pezar ora de Sam Pego!

MADALENA

E assim o fais tu começo?

Bofá! Ansi mau és tu?

Não sei que houveste contego.

FERNANDO

Maus lobos m`acabem já!

CATALINA

Guarda-te Deus earamá,

pois que seria de mim?

Mas casemo-nos eu e ti.

JOANE

E Joane rainvará?

Pois, pardeus , bem te servi,

Começo seja essa dança,

não andes assi do vento.

CATALINA

Toda m`ora eu arrebento

pola tua maridança!

AFONSO

Sabes, Joane, que façamos?

Vamo-nos todos três.

JOANE

Vamos

e busquemos outras três.

Eu te farei a ti, Inez,

que me jejues os ramos.

Vem Margarida pastora, que achou uma imagem de Nossa Senhora, e trá-la escondida num feixe de lenha, e diz:

Ai! Manas, que eu achei!

CATALINA

Onde?

MARGARIDA

Na serra em cima.

MADANELA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Que é, Margarida prima?

MARGARIDA

Quási, quási não o sei.

INEZ

Chufas?

MARGARIDA

Não, pardeus, amigas.

CATALINA

Rogo-te que no-lo digas.

MARGARIDA

Mas é pera adivinhar;

e quem quer que o acertar

eu a fartarei de migas.

INEZ

Será algum cogumelo?

MARGARIDA

Não, que tem olhos e mãos.

CATALINA

São caçapos temporãos.

MADANELA

Mas samicas pesadelo.

CATALINA

Onde o trazes?

MARGARIDA

Na lenha.

CATALINA

É raposo. Deus mantenha

MARGARIDA

Si, raposo; teu pai torto.

INEZ

Ouriço cacheiro morto.

MARGARIDA

Não é cousa que pele tenha.

MADANELA

Mas sabeis que é leitão,

Celebração Vicentina. -

que tem couro e não tem pele!

MARGARIDA

Leitão? Isso vos era ele.

INEZ

Ele não há-de ser cão.

MARGARIDA

Nem ave, nem cousa viva
nem morta.

CATALINA

Oh! Cativa!

E tem pés e mãos e olhos?

MARGARIDA

E narizes e gíolhos;
nem é cousa mansa nem esquiva.

CATALINA

Rogo-te que digas que é,
que isso parece patranha.

MARGARIDA

Tenho-a eu por façanha,
e não pequena, abofé.

CATALINA

Não o dessengules mais.

MARGARIDA

Se atêntegas estais,
muito asinha vos direi
o que vi e que achei,
contanto que me creais.
Chegando à Pena furada,
àquem da Virgem da Estrela,
achei ser ua donzela,
bofá donzela dourada;
e como a vi, como digo,
saltou tal temor comigo,
porque ela reluzia,
que estava se fugeria:

tal claror tinha consigo.
E um menino brincando
com seis ou sete donzelas,
santas pareciam elas.

MADANELA

Isso seria sonhando.

MARGARIDA

Mas antes bem acordada.

Não me quereis vós crer nada?

CATALINA

Dize, dize, Margarida.

MARGARIDA

Pois chufa tu., Madalena,
que Nossa Senhora era ela!

CATALINA

Oh!

MARGARIDA

Por minha vida.

Assim seja eu bem casada
e Deus se lembre de mim.

CATALINA

Que te dixes, mana, enfim?

MARGARIDA

Chamou-me, bem assombrada,
e eu queria chorar,
e ela foi-m`afagar.

CATALINA

E que te dixes depois?

MARGARIDA

Que deixasse andar os bois
e que me fosse ao lugar.
E fosse ao nosso cura, e digo
que vi a Virgem Maria
e que ela lhe prometia
de lhe dar um bom castigo,

Celebração Vicentina. -

que horas nunca lhe rezou
nem dela soes s`acordou.

FERNANDO

Houveras-lhe de dizer
que não lh`escapa mulher.

INEZ

Ó Demo que o eu dou!

Eu vos direi: é ele tal
que a filha de Janafonso
foi-lhe pedir um responso
e ele falava-lhe em al.

AFONSO

Alguns deles vão per hi
E n`estremadela assi
não lhes fica moça boa.

JOANE

Bom machado na coroa,
que ficasse logo ali!

FERNANDO

Seixo calvo!

AFONSO

Mas setada!

MADANELA

Arrocho d`azambujeiro!

CATALINA

Mas pousada de palheiro,
e fogo, e a porta fechada!

AFONSO

Mas bom feixe lagariço!

INEZ

Penedo!

MADANELA

Trama!

CATALINA

Sumiço!

MARGARIDA

Eu quero ir avisar,
ca lhe compre de rezar
e tornar-se a seu serviço.
Par esa cruz,manas minhas,
que ela está dele assanhadas!

CATALINA

Quem m`a vira!

INEZ

Quem lá fôra!

MADANELA

Tu, prima, nasceste embora.

MARGARIDA

Se viras o cachopinho,
tam fermoso e sesudinho,
filho de nossa Senhora!
Tudo eu hei-de dizer
ao nosso cura tá o cabo,
e ó priol.

INEZ

Esse diabo

Nunca te há-de querer crer.

AFONSO

E do priol disse algormém?

MARGARIDA

Não falou nem mal nem bem.

JOANE

Também ele é bom piloto.

AFONSO

Mas é valente minhoto
que apanha as frangans mui bem.

JOANE

Dou eu já ó Decho o reixelo.

FERNANDO

E Pero Gil, capelão,

Celebração Vicentina. -

que lhe dizes?

JOANE

Que barão!

Como lh`elas vêm a pêlo,

Nenhuas lhe escaparão.

AFONSO

E Janafonso Altos-pés?

FERNANDO

Também esse é bom freguês

e muito gamenho zote.

JOANE

Ontem lhe dei eu um mote

sôbr`isso, bem português.

Vão-se earamá casar

e não andar de soticipa.

Juro a Deus, s`eu fôra para,

eu lhes secara o cantar.

MARGARIDA

Não me bula aqui ninguém

neste meu feixe de lenha;

atá que eu vá e venha

não veja ninguém qu`aqui vem.

Porque eu vou a chamar

que venham com devação

os milhores do lugar

a levar em procissão

o que a Virgem me quis dar.

Vai-se.

AFONSO

Cant`eu não me posso ter,

Vejamos o que isto é.

JOANE

Vejamos por tua fé,

que grão cousa deve ser.

Desata Afonso o feixe, e diz

AFONSO

Ela omagem m`afegura.

Ó Senhora Virgem pura!

CATALINA

Quem vos trougue a esta serra?

FERNANDO

Ponde os giolhos em terra.

AFONSO

Ponhamo-la nesta verdura.

E, posta a imagem, diz

JOANE

Pois não sabemos rezar,

façamos-lhe ua chacota,

porque toda a alma devota

o que tem, isso há-de dar.

FERNANDO

Façamos, que bem será.

CATALINA

Joane, tir-te tu lá.

Dá-me tu a mão, Fernando.

FERNANDO

Nisso estava or`eu cuidando.

Madanela, vem tu cá.

MADANELA

Com Afonso quero eu.

AFONSO

Inez mana, eu contigo,

que nunca tam grande amigo

em tua vida tens de teu.

INEZ

Porque andas bugiando?

MADANELA

Ora fuge lá, Fernando.

JOANE

Onde não há concordança

Celebração Vicentina. -

não há hi festa nem dança;
nem estemos perfiando.

Vem Margarida com quatro clérigos

FERNANDO

Oh! Corpo de Deus sagrado!

Quanto zote que cá vem!

MARGARIDA

Não quisestes vós perém
conceder no meu mandado?

Ora seja já embora.

Padres, vêdes a Senhora
que eu achei bem acasuso.

1° CLÉRIGO

Jesu! Eu estou confuso!

2° CLÉRIGO

Deus te salve, Emperadora.

Hino O Gloriosa Domina tezado a versos pelos clérigos à imagem de Nossa Senhora

Ó gloriosa Senhora do mundo,
excelsa princesa do céu e da terra,
fermosa batalha de paz e de guerra,
da santa Trindade secreto profundo!
Santa esperança, ó madre d`amor,
ama discreta do filho de Deus,
filha e madre do Senhor dos Céus,
alva do dia com mais resplendor!
Fermosa barreira, ó alvo e fito,
A quem os profetas dereito atiravam!
A ti, gloriosa, os Céus esperavam,
e as três pessoas um Deus infinito.
Ó cedro nos campos, estrela no mar,
na serra ave fénix, ua só amada,
ua só sem mácula, e só preservada,
ua só nascida, sem conto e sem par!
Do que Eva triste ao mundo tirou
foi o teu fruto restituidor;

dizendo-te Ave, o embaixador,
o nome de Eva te significou.
Ó porta dos paços do mui alto Rei,
câmara cheia do Spírito Santo,
janela radiosa de resplendor tanto
e tanto zelosa da devina lei!
Ó mar de ciência, a tua humildade,
que foi senão porta do céu estrelado?
Ó fonte dos anjos, ó horto cerrado,
estrada do mundo pera a devindade.
Quando os anjos cantam a glória de Deus,
não são esquecidos da glória tua;
que as glórias do filho são da madre sua,
pois reinas com ele na corte dos Céus.
Pois que faremos os salvos per ela,
nascendo em miséria, tristes pecadores,
senão tanger palmas e dar mil louvores
ao Padre, e ao Filho, e Espirito, e a ela!
Aqui ordenam sua chacota; e a letra da cantiga é a seguinte:
Quem é a desposada?
A Virgem Sagrada.
Quem é a que parira?
A Virgem Maria.
Em Belém, cidade
muito pequenina,
vi ua desposada
e Virgem parida.
Em Belém, cidade
muito pequenina,
vi ua desposada
e Virgem parida.
Quem é a desposada?
A Virgem sagrada.
Quem é a que parira?
A Virgem Maria.

Celebração Vicentina. -

Nua pobre casa
toda reluzia,
os anjos cantavam,
o mundo dizia:
quem é a desposada?
A Virgem sagrada.
Que é a que parira?
A Virgem Maria.
E com esta chacota se despediram.

TODO O MUNDO E NINGUÉM

TODO O MUNDO E NINGUÉM

Do Auto da Lusitânia, representado "ao muito alto e poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, ao nascimento do muito desejado Príncipe Dom Manuel seu filho, era do Senhor de 1532".

FIGURAS

Berzebu- Dinato- Todo o Mundo- Ninguém

BERZEBU (a Dinato)

Por darmos alguma conta

ao deus rei Lucifer,

põi-te tu a escrever

tudo quanto aqui se monta

e quanto aqui virmos fazer.

Porque o fim do mundo é perto,

e pera o que nos hão-de dar,

cumpre-nos ter que alegar;

pois pera provar o certo

escreve quanto passar.

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma coisa que se lhe perdeu, e logo após êle um homem, vestido como pobre; êste se chama Ninguém.

NINGUÉM

Que andas tu hi buscando?

TODO O MUNDO

Mil cousas ando a buscar;

delas não posso achar,

porém ando perfizando

por quão bom é perfiar.

NINGUÉM

Como hás nome, cavaleiro?

TODO O MUNDO

Eu hei nome Todo o Mundo,

e meu tempo todo inteiro

sempre é buscar dinheiro

e sempre nisto me fundo.

NINGUÉM

Celebração Vicentina. -

E eu hei nome Ninguém
e busco a consciência.

BERZEBU

Esta é boa experiência,
Dinato: escreve isto bem.

DINATO

Que escreverei, companheiro?

BERZEBU

Que Ninguém busca consciência
e Todo o Mundo dinheiro.

NINGUÉM

E agora que buscas lá?

TUDO O MUNDO

Busco honra muito grande.

NINGUÉM

E eu virtude, que Deus mande
que tope co`ela já.

BERZEBU

Outra adição nos acude:
escreve logo hi a fundo
que busca honra Todo o Mundo
e Ninguém busca virtude.

NINGUÉM

Buscas outro mór bem qu`êsse?

TUDO O MUNDO

Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fizesse.

NINGUÉM

E eu quem me repreendesse
em cada cousa que errasse.

BERZEBU

Escreve mais.

DINATO

Que tens sabido?

BERZEBU

Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado
e Ninguém ser repreendido.

NINGUÉM

Buscas mais, amigo meu?

TUDO O MUNDO

Busco a vida e quem m`a dê.

NINGUÉM

A vida não sei que é,
a morte conheço eu.

BERZEBU

Escreve lá outra sorte.

DINATO

Que sorte?

BERZEBU

Muito garrida:

Todo o Mundo busca a vida
e Ninguém conhece a morte.

TUDO O MUNDO

E mais queria o paraíso,
sem m`o ninguém estrovar.

NINGUÉM

E eu ponho-me a pagar

Quanto devo pera isso.

BERZEBU

Escreve com muito aviso.

DINATO

Que escreverei?

BERZEBU

Escreve

que Todo o Mundo quer paraíso
e Ninguém paga o que deve.

TUDO O MUNDO

Folgo muito d`enganar
e mentir naceu comigo.

Celebração Vicentina. -

NINGUÉM

Eu sempre verdade digo,
sem nunca me desviar.

BERZEBU

Ora escreve lá, compadre,
não sejas tu preguiçoso.

DINATO

Quê?

BERZEBU

Que Todo o Mundo é mentiroso
e Ninguém diz a verdade.

NINGUÉM

Que mais buscais?

TUDO O MUNDO

Lisonjar.

NINGUÉM

Eu som todo desengano.

BERZEBU

Escreve, ande la mano.

DINATO

Que me mandas assentar?

BERZEBU

Põe aí mui declarado,
não te fique no tinteiro:
Todo o Mundo é lisonjeiro
e Ninguém desenganado.

AUTO DA SIBILA CASSANDRA

AUTO DA SIBILA CASSANDRA

"Lieder" de Schumann, composto em 1849 sobre cantigas de Gil Vicente, que foram vertidas para a língua alemã pelo Professor E. Geibel.

"Que graciosa é a donzela"

(O wie lieblich ist das Mädchen!)

e

"Desinquieta vai a moça"

(Weh, wie zornig ist das Mädchen!)

Opus 138, N° 3

O wie lieblich ist das Mädchen!

Que graciosa é a donzela:

Como é bela e é fermosa!

Dize lá, oh marinheiro,

Que sôbre as ondas vivias

Se a nove, a vela, a estrêla,

É tão bela.

Dize lá, oh cavaleiro,

Que as armaduras vestias,

Se a nave, a vela, a estrêla,

É tão bela.

Dize lá, oh pastorzinho

Que o teu rebanho seguias,

Se o gado, o vale, a colina

É tão bela.

[PARTITURAS]

Opus 138, N° 7

Weh, wie zornig ist das Mädchen!

Desinquieta vai a moça:

Meu Deus, quem lhe falaria!

Volla

Pela serra, leva a moça

O seu gado, que pascia.

Vai fermosa como as flôres,

E revolta todavia.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Celebração Vicentina. -

Tão revolta como o mar

Anda a moça noite e dia.

Meu Deus, quem lhe falaria!

[PARTITURAS]

AUTO DA MOFINA MENDES

AUTO DA MOFINA MENDES

A obra seguinte foi representada ao excedente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada às matinas do Natal, na era do Senhor de 1534.

FIGURAS

Um Frade (prólogo)- A Virgem- Prudência- Pobreza- Humildade- Fé- O Anjo Gabriel- S. José- André- Paio Vaz- Pessival- Mofina Mendes- Braz Carrasco- Barba Triste- Tivaldinho- Anjos.

Entra primeiramente um Frade, e a modo de pregação diz o que se segue

FRADE

Três cousas acho que fazem
ao doudo ser sandeu:
a ua ter pouco siso de seu,
a outra, que esse que tem
não lhe presta mal nem bem;
e a terceira,
que endoudece em gran maneira,
é o favor (livre-nos Deus)
que faz do vendo cimeira
e do toutiço moleira
e das ondas faz ilheus.
Diz Francisco de Mairões,
Ricardo, e Bonaventura,
não me lembra em que escretura
nem sei em quais destinções
nem a cópia das rezões;
mas o latim
creio que dizia assim:
Nolite vanitatis debemus
confidere de his, qui capita
sua posuerunt in manibus
ventorum, Ec.
Quer dizer êste matiz
antre os primores que traz:
não é sesudo o juiz

Celebração Vicentina. -

que tem jeito no que diz
e não acerta o que faz.
Diz Boecio- de consolationis,
Origenes- Marcu Aureli,
Sallustius- Catelinarum,
Josepho- speculum belli,
glosa interliniarum;
Vicentius- scala coeli,
Magister sententiarum,
Demóstenes, Calistrato;
todos estes concertaram
com Scoto, livro quarto,
Dizem: Não vos enganeis,
letrados de rio torto,
que o porvir não no sabeis,
e quem nisso quer pôs peis
tem cabeça de minhoto.
Ó bruto animal da serra,
ó terra filha do barro,
como sabes tu, bebarro,
quando há-le tremer a terra,
que espantas os bois e o carro?
Polos quais dixit Anselmus,
e Seneca,- vandaliarum,
e Plinius- caronicarum,
et tamen glosa ordinaria,
e Alexander- de aliis,
Aristotiles- de secreta secretorum:
Albertus Magnus
Tullius Ciceronis,
Ricardus, Ilarius, Remigius,
dizem, convém a saber:
se tens prenhe tua mulher,
e per ti o composeste,
queria de ti entender

em que hora há-de nacer
ou que feições ha-de ter
êsse filho que fizeste.
Não no sabes; quanto mais
cometerdes falsa guerra,
presumindo que alcançais
os secretos divinais
que estão debaixo da terra.
Polo qual, diz Quintus Curtius,
Beda- de religione christiana,
Thomas- super trinitas alternat,
Augustinus- de angelorum coris,
Hieronimus- de alphabetus hebreice,
Bernardus- de virgo assumptionis,
Remigius- de dignitate sacerdotum;
Estes dizem juntamente
nos livros aqui alegados:
se filhos haver não podes
nem filhas por teus pecados,
cria dêsses engeitados,
filhos de clérigos pobres.
Pois tens sacco de curzados,
lembre-te o rico avarento,
que nesta vida gozava,
e no inferno cantava:
Água, Deus, água,
que lhe arde a pousada.
Mandaram-me aqui subir,
neste santo anfiteatro,
pera aqui introduzir
as figuras que hão-de- vir
com todo seu aparato.
É de notar
que haveis de considerar
isto ser contemplação

Celebração Vicentina. -

fora da história geral,
mas fundada em devoção.
A qual obra é chamada
Os mistérios da Virgem;
que entrará acompanhada
de quatro Damas, com quem
de menina foi criada.
A ua chamam Pobreza,
outra chamam Humildade;
damas de tanta nobreza,
que tod`alma que as preza
é morada da Trindade.
À outra, terceira delas,
chamam Fé per excelência;
à outra chamam Prudência.
E virá a Virgem com elas,
com mui fermosa aparência.
Será logo o fundamento
tratar da saüdação,
e, depois dêste sermão,
um pouco do nascimento;
tudo per nova invenção.
Antes disso que dissemos,
virá com música orfeia
Domine, labia mea,
E Venite, adoremus,
vestido com capa alheia.
Trará Te Deum laudamus
d`escarlata ua libré:
Jam lucis orto sidere.
Cantará o Benedicamus
pola grão festa que é.
Quem terra, pontus, aethera
virá muito assessegado
num sendeiro mal pensado,

e um gibão de tafetá,
e ua gorra d`orilhado.

Em êste passo entra Nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzelas, e diante quatro Anjos com música; e, depois de assentadas, começam cada uma de estudar por seu livro, e diz a

VIRGEM

Que ledes, minhas criadas?

Que achais escrito hi.

PRUDÊNCIA

Senhora, eu acho aqui
grandes cousas ennovadas
e mui altas pera mim.
Aqui a Sebila Ciméria
diz que Deus será humanado
de ua virgem sem pecado;
que é profunda matéria
pera meu fraco cuidado.

POBREZA

Erutea profetiza
diz aqui também o que sente:
que nacerá pobrememente,
sem cueiro nem camisa
nem cousa com que se aquente.

HUMILDADE

E o profeta Isaías
fala nisso também cá:
eis a Virgem conceberá,
e parirá o Messias
e frol virgem ficará.

FÉ

Cassandra d`el-rei Priamo
mostrou essa rosa frol
com um menino a par do sol
a César Octaviano,
que o adorou por Senhor.

PRUDÊNCIA

Celebração Vicentina. -

Rubrum quem viderat Moisem,
sarça que no ermo estava
sem lhe pôr lume ninguém;
o fogo ardia mui bem
e a sarça não se queimava.

FÉ

Segnifica a Madre de Deus:
esta sarça é ela só;
e a escada que viu Jacob,
que subia aos altos céus,
também era de seu vôo.

PRUDÊNCIA

Deve de ser por razão
de todas perfeições cheia
toda, quem quer que ela é.

HUMILDADE

Aqui a chama Salamão
tota pulchra amica mea,
et macula non est in te.
E diz mais que é porta coeli,
Electa ut sol,
Bálsamo mui oloroso,
Pulchra ut liliu gracioso,
das flores mais linda flor,
dos campos o mais fermoso;
chama-se plantatio rosa,
nova olivia speciosa,
mansa columba Noe,
estrêla a mais luminosa.

PRUDÊNCIA

Et acies ordinata,
Fermosa filha d`el-Rei
de Jacob, et tabernacula,
speculum sine macula,
ornata civitas Dei.

FÉ

Mais diz ainda Salamão:
Hortus conclusos, flos hortorum,
Medecina peccatorum,
Dereita vara de Arão,
Alva sôbre quantas foram,
santa sôbre quantas são.
E seus cabelos polidos
são fermosos em seu grado
como manadas de gado,
e mais que os campos floridos
em que anda apacentado.

PRUDÊNCIA

É tão zeloso o Senhor
que quererá o seu estado
dar ao mundo, per favor,
por ua Eva pecador
ua virgem sem pecado.

VIRGEM

Oh! Se eu fôsse tam ditosa
que com estes olhos visse
senhora tam preciosa,
tesouro da vida nossa,
e por escrava a servisse!
Que onde tanto bem s`encerra.
vendo-a cá antre nós,
nela se verão os céus
e as virtudes da terra
e as moradas de Deus.

Neste passo entra o Anjo Gabriel dizendo:

ANJO GABRIEL

Oh! Deus te salve, Maria,
cheia de graça graciosa,
dos pecadores abrigo!
Goza-te com alegria,

Celebração Vicentina. -

humana e divina rosa,
porque o Senhor é contigo.

VIRGEM

Prudência, que dizeis vós?
Que eu muito turbada sam;
porque tal Saüdação
não se costuma antre nós.

PRUDÊNCIA

Pois que é auto do Senhor,
Senhora, não esteis turbada;
tornai em vossa color,
que, segundo o embaixador,
tal s`espera a embaixada.

ANJO GABRIEL

Ó Virgem, se ouvir me queres,
mais te quero inda dizer:
benta és tu em mereceres
mais que todas as mulheres
nacidadas e por nacer.

VIRGEM

Que dizeis vós, Humildade?
qu`êste verso vai mui fundo;
porque eu tenho por verdade
ser em minha calidade
a menos cousa do mundo.

HUMILDADE

O Anjo, que dá o recado,
sabe bem disso a certeza:
diz David no seu tratado
que êsse spírito assi humilhado
é cousa que Deus mais preza.

ANJO GABRIEL

Alta Senhora, saberás
que tua santa humildade
te deu tanta dignidade

que um filho conceberás
da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado
Jesu e Filho de Deus;
e o teu ventre sagrado
ficará horto çarrado,
e tu- Princesa dos Céus.

VIRGEM

Que direi, Prudência minha?
A vós quero por espelho.

PRUDÊNCIA

Segundo o caso caminha,
deveis, Senhora Rainha,
tomar com o Anjo conselho.

VIRGEM

Quomodo fiet istud,
quoniam virum non cognosco?

Porque eu dei minha pureza
ao Senhor, e meu poder,
com toda minha firmeza.

ANJO GABRIEL

Spiritus sanctus superveniet in te;
e a virtude do Altíssimo,
Senhora, te cubrirá;
porque seu filho será
e teu ventre sacratíssimo
per graça conceberá.

VIRGEM

Fé, dissei-me vosso intento,
que êste passo a vós convém.
Cuidemos nisto mui bem,
porque a meu consentimento
grandes dúvidas lhe vem.
Justo é que imagine eu
e que este muito turbada:

Celebração Vicentina. -

querer quem o mundo é seu,
sem merecimento meu,
entrar em minha morada;
e ua suma perfeição,
de resplendor guarnecido,
tomar pera seu vestido
sangue do meu coração
indigno de ser nacido!
E aquele que ocupa o mar,
enche os céus e as profundezas,
os orbes e redondezas,
em tam pequeno lugar
como poderá estar
a grandeza das grandezas!

ANJO GABRIEL

Porque tanto isto não peses,
nem duvides de querer,
tua prima Elisabeth
é prenhe, e de seis meses.
E tu, Senhora, hás-de crer
que tudo a Deus é possível,
e o que é mais impossível
lhe é o menos de fazer.

VIRGEM

Anjo, perdoai-me vós,
que com a Fé quero falar.
Pedirei sinal dos Céus.

FÉ

Senhora, o poder de Deus
não se há-de examinar.
Nem deveis de duvidar,
pois sois dêle tam querida.

ANJO GABRIEL

E d`abenicio escolhida,
e manda-vos convidar:

pera madre vos convida.

VIRGEM

Ecce ancilla Domini

faça-se sua vontade

no que sua Divindade

mandar que seja de mim

e de minha liberdade.

Em este passo se vai ao Anjo Gabriel, e os Anjos à sua partida tocam seus instrumentos, e cerra-se a cortina.

Ajuntam-se os pastores para o tempo do Nascimento. Entra primeiro André e diz:

ANDRÉ

Eu perdi, se s`acontece,

a asna ruça de meu pai;

o rasto per-equi vai,

mas a burra não parece

nem sei em que vale cai.

Leva os tarros e apeiros

e o çurrão com os chocalhos,

os çamarros dos vaqueiros,

dous sacos de pães inteiros,

porros, cebolas e alhos.

Leva as apeias da boiada,

as carrancas dos rafeiros,

e foi-se a pacer folhada;

porque bêsta despeada

não pace nos sovereiros.

E s`ela ão parecer

atás per noite fechada,

não temos hoje prazer;

que na festa sem comer

não há hi gaita temperada.

Entra Paio Vaz

PAIO VAZ

Mofina Mendes é cá

c`um fato de gado meu?

ANDRÉ

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Celebração Vicentina. -

Mofina Mendes ouvi eu
assoviar, pouco há,
no vale de Jão Viseu.

PAIO VAZ

Nunca esta moça sessega,
nem samica quer fortuna!
Anda em saltos como pêga,
tanto faz, tanto transfega,
que a muito emportuna.

ANDRÉ

Mofina Mendes quanto há
que vos serve de pastora?

PAIO VAZ

Bem trinta anos haverá,
ou creio que os faz agora;
mas sessêgo não alcança;
não sei que maleita a toma;
ela deu o saco em Roma
e prendeu el-Rei de França;
agora andou com Mafoma
e pôs o Turco em balança.
Quando cuidei que ela andava
c`o meu gado onde soía,
pardeus! E ela era em Turquia
e os Turcos amofinava
e a Carlos César servia.
Diz que assi resplandecia
neste capitão do céu
a vontade que trazia,
que o Turco esmoreceu
e a gente que o seguia.
Receou a guerra crua
que o César lhe prometia;
entances per aliam via
reverte sunt in patria sua

com quanta gente trazia.

Entra Pessival

PESSIVAL

Achaste a tua burra andrel?

ANDRÉ

Bofá, nan.

PESSIVAL

Nan pode ser.

Busca bem, deixa o fardel;

que a burra não era mel

que haviam de comer.

ANDRÉ

Saltariam pêgas nela,

por caso da matadura?

PESSIVAL

Pardeus! Essa seri`ela!

E que pêga será aquela

que lhe tire a albardadura?

PAIO VAZ

Mas crê que andou per hi

Mofina Mendes, rapaz;

que, segundo as cousas faz,

se isto não for assi

que não seja eu Paio Vaz.

Ora chama tu por ela,

e aposto-te a carapuça

que a negra burra ruça

Mofina Mendes deu nela.

ANDRÉ

Mofina Mendes! Ah Mofina Men!

MOFINA MENDES (de longe)

Que queres, André? Que hás?

ANDRÉ

Vem tu cá, e vê-lo-hás;

e se hás de vir, logo vem

Celebração Vicentina. -

e acharás aqui também
a teu amo Paio Vaz.

Entra Mofina Mendes

PAIO VAZ

Onde deixas a boiada,
e as vacas, Mofina Mendes?

MOFINA MENDES

Mas que cuidado vós tendes
de me pagar a soldada
que há tanto que me retendes?

PAIO VAZ

Mofina, dá-me conta tu
onde fica o gado meu.

MOFINA MENDES

A boiada não vi eu,
andam lá não sei per hu
nem sei que pacigo é o seu.

Nem as cabras não nas vi,
samicas c`os arvoredos;
mas não sei a quem ouvi
que andavam elas por hi
saltando pelos penedos.

PAIO VAZ

Dá-me conta rez a rez,
pois pedes todo teu frete.

MOFINA MENDES

Das vacas morreram sete
e dos bois morreram três.

PAIO VAZ

Que conta de negregura!
Que tais andam os meus porcos?

MOFINA MENDES

Dos porcos os mais san mortos
de magreira e má ventura.

PAIO VAZ

E as minhas trinta vitelas
das vacas que t`entregaram?

MOFINA MENDES

Creio que hi ficaram delas,
porque os lobos dezimaram
e deu olho mau por elas
que mui poucas escaparam.

PAIO VAZ

Dize-me: e dos cabritinhos
que recado me dás tu?

MOFINA MENDES

Eram tenros e gordinhos
e a zorra tinha filhinhos
e levou-os um e um.

PAIO VAZ

Essa zorra, essa malina,
se lhe correras, trigosa,
não fizera essa chacina;
porque mais corre a Mofina
vinte vezes qu`a raposa.

MOFINA MENDES

Meu amo, já tenho dada
a conta do vosso gado
muito bem, com bom recado;
pagai-me minha soldada
como temos concertado.

PAIO VAZ

O s carneiros que ficaram,
e as cabras que se fizeram?

MOFINA MENDES

As ovelhas reganharam,
as cabras engafeceram,
os carneiros se aforagaram
e os rafeiros morreram.

PESSIVAL

Celebração Vicentina. -

Paio Vaz, se querer gado,
dá ó Demo essa pastora!
Paga-lh`o seu, vá-se embora
ou má-ora,
e põe o teu em recado.

PAIO VAZ

Pois Deus quer que pague e peite
a tam daninha pegureira,
em pago desta canseira
toma êste pote d`azeite
e vai-o vender à feira;
e quiçais medrarás tu
o qu`eu contigo não posso.

MOFINA MENDES

Vou-me à feira de Trancoso
logo, nome de Jesu!
E farei dinheiro grosso.
Do qu`êste azeite render
comprarei ovos de pata,
que é a cousa mais barata
qu`eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão:
cada ovo dará um pato
e cada pato um tostão,
que passará de um milhão
e meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
per estes ovos de pata,
e o dia que fôr casada
saïrei ataviada
com um brial d`escarlata;
e diante o desposado,
que m`estará namorando,
virei de dentro bailando,
assi desta arte bailado,

esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite à cabeça, e, andando enlevada no bailo, cai-lhe

PAIO VAZ

Agora posso eu dizer
e jurar e apostar
qu'és Mofina Mendes toda!

PESSIVAL

E s'ela bailava na voda
qu'está inda por sonhar,
e os patos por nacer
e o azeite por vender
e o noivo por achar;
e a Mofina a bailar!

Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando

MOFINA MENDES

Por mais que a dita m'engeite,
pastores, não me deis guerra:
que todo o humano deleite
como o meu pote d'azeite
há-de dar consigo em terra.

Entram outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste e Tivaldinho

BRAZ CARRASCO

Ó Pessival meu vezinho!

PESSIVAL

Braz Carrasco, dize, viste
a burra dêsse outeirinho?

BRAZ CARRASCO

Pergunta tu a Tivaldinho
ou pergunta a Barba Triste
ou pergunta a João Calveiro

TIVALDINHO

O fato trago eu aqui
e a burra eu a meti
na corte do Rabileiro.

Celebração Vicentina. -

Nós deitamo-nos per hi;
andamos todos cansados,
o gado seguro está,
e nós, aqui abrigados,
durmamos senhos bocados
que a meia noite vem já.

Em êste passo se deitam a dormir os pastores; e logo se segue a segunda parte, que é uma breve contemplação sôbre o Nascimento

VIRGEM

Ó cordeiro divinal,
precioso verbo profundo,
vem-se a hora
em que teu corpo humanal
quer caminhar pelo mundo.
desd` agora
saírás ao campo mundano
a dar crua e nova guerra
aos imigos,
e glória a Deus soberano
in excelsis, et in terra
pax hominibus.
Saírá o nobre Leão,
rei da tríbu de Judá,
Radix David;
o duque da promessa
como espôso sairá
do seu jardim:
e o Deus dos anjos servido,
Sanctus, Sanctus, sem cessar
lhe cantando,
vereis em palhas nacido,
sem candeia e sem luar,
suspirando.
É porque a noite é quási meia,
e são horas qu`esperemos
seu nacer,

ide, Fé, por essa aldeia
acender esta candeia,
pois outras tochas não temos
que acender;
e, sem serdes preguntada
nem lhes vir pola memória,
direis em cada pousada
qu' esta é a vela da glória.

Em êste passo José e a Fé vão acender a candeia, e a Virgem com as Virtudes de gíolhos, a
versos rezam êste psalmo

VIRGEM

Ó devotas almas felis,
pera sempre sem cessar
Laudate Dominum de coelis,
Laudate eum in excelsis,
quanto se puder louvar.

PRUDÊNCIA

Louvai, anjos do Senhor,
ao Senhor da altezas;
e todalas profundezas
louvai vosso criador
com todas suas grandezas.

HUMILDADE

Laudate eum, Sol et Luna,
laudate eum, stellas et lumen,
et lauda Hierusalem.

Ao Senhor que t' enfuna
neste portal de Belém.

VIRGEM

Louvai o Senhor dos céus.
louvai-o, água das águas,
que sôbre o céu sois firmadas;
e louvai o Senhor Deus,
relâmpados e trovoadas.

PRUDÊNCIA

Laudate Dominum de terra,

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Celebração Vicentina. -

dracones et omnes abyssi,
e todas adversidades
e névoas e serra,
ventos, nuvens et eclipsi,
e louvai-o, tempestades.

HUMILDADE

Bestiae et universa
pecora, volucres, serpentes,
louvai-o, todalas gentes
e toda a cousa diversa
que no mundo sois presentes.
Vem a Fé, com a vela sem lume

S. JOSÉ

Não vos anojeis, Senhora,
pois estais em terra alheia,
ser o parto sem candeia,
porque as gentes d`agora
são de mui perversa veia.
Todos dormem, a prazer,
sem lhes vir pela memória
que per fôrça hão-de morrer;
e não querem acender
a santa vela da glória

HUMILDADE

Deviam ter piedade
da Senhora peregrina,
romeira da Cristandade,
que está nesta escuridade,
sendo Princesa divina,
pera exemplo dos senhores,
pera lição dos tiranos,
pera espelho dos mundanos,
pera lei aos pecadores
e memória dos enganos.

FÉ

Não fica por lh`o prégar,
não fica por lh`o dizer,
não fica por lh`o rogar;
mas não querem acordar,
com pressa de adormecer.
Dêles fazem que não ouvem
e êles ouvem muito bem;
dêles fazem que não vêm,
e dêles que não entendem
o que vai nem o que vem.
Sem memória nem cuidado
dormem em cama de flores
feita de prazer sonhado,
seu fogo tam apagado
como em choça de pastores;
e vossa divina vela,
vossa eternal candeia,
feita da cera mais bela,
em cidade nem aldeia
não há hi lume par`ela.
Todo o mundo está mortal,
posto em tam escuro pôrto
de uma cegueira geral,
que nem fogo, nem sinal,
nem vontade: tudo é morto.

VIRGEM

Prudência, i vós co`ela
que nas horas há hi mudança,
e acendei ess`outra vela
que se chama da esperança
e lhes convém acendê-la.
E dizei-lhe que o pavio
desta vela é a salvação,
e a cera o poderio
que tem o livre alvedrio,

Celebração Vicentina. -

e o lume a perfeição.

S. JOSÉ

Senhora, não monta mais
semear milho nos rios,
que quereremos por sinais
meter cousas divinais
nas cabeças dos bugios.

Mandai-lhe acender candeias
que chamem ouro e fazenda,
e vereis bailar baleias;
porque irão tirar das veias
o lume com que s`acenda.

E à gente religiosa

Manda-lhes velas bispais;

A cera, de renda grossa;

os pavios, de casais:

e logo não porão grosa.

PRUDÊNCIA

Senhora, a meu parecer,

pera esta escuridade

candeia não há mester,

que o Senhor qu`há-de nacer,

é a mesma claridade;

lumen ad revelationem gentium

é profetizado a nós

e agora se há-le cumprir:

pois pera que é ir e vir

buscar lume pera vós,

pois lume haveis de parir?

Nem deveis d`estar aflita

pera lhe guisar manjar,

porque é fartura infinita,

é chamado Panis vita,

não tendes que desejar.

E se pera seu nacer

tam pobre casa escolheu,
não vos deveis de doer
porque onde êle estiver
está a côrte do Céu.

Se cuieiros vos dão guerra,
que os não tendes por ventura,
não faltará cobertura
a quem os céus e a terra
vestiu de tal fermosura.

Em êste passo chora o Menino, pôsto em um berço: as Virtudes, cantando, o embalam, e o Anjo Gabriel vai aos pastores e diz cantando

ANJO GABRIEL

Recordai, pastores!

ANDRÉ

Hou de lá, que nos quereis?

ANJO GABRIEL

Que vos levanteis.

ANDRÉ

Pera quê? Ou que vai lá?

ANJO GABRIEL

Naceu em terra de Judá
um Deus só, que vos salvará.

ANDRÉ

E dou-lhe que fôssem três:
eu não sei que nos quereis.

ANJO GABRIEL

Que vos levanteis.

ANDRÉ

Quero-m`eu erguer, entanto
veremos qu`isto quer ser.
Sempre m`esquece o benzes
cada vez que m`alevanto

ANJOS (cantando)

Ah pastor! Ah pastor!

ANDRÉ

Que nos quereis, escudeiros?

Celebração Vicentina. -

ANJOS (cantando)

Chama todos teus parceiros,
vereis vosso Redentor.

ANDRÉ

Não durmais mais, Paio Vaz,
ouvireis cantar aquilo.

PAIO VAZ

Ora tu não vês que é grilo?
Vai-te d`hi, aramá vás,
qu`eu não hei mester ouvi-lo.

ANDRÉ

Pessival, acorda já.

PESSIVAL

Acorda tu a Braz Carrasco.

BRAZ CARRASCO

Não creio eu, não, em Sam Vasco,
se me tu acolhes lá.

ANDRÉ

Levanta-te, Barba Triste.

BARBA TRISTE

Tu que hás ou que me queres?

ANDRÉ

Que vamos ver os prazeres
que eu nem tu nunca viste.

BARBA TRISTE

Pardeus, vai tu se quiseres,
salvo se na refestela
me dessem bem de comer;
senão deixa-me jazer,
qu`eu não hei-de bailar nela;
vai tu lá embora ter.

Acorda o Tivaldinho
e ó Calveiro e outros três,
e a mim cubre-me os pés;
então vai-te teu caminho,

qu'eu hei-de dormir um mês.

ANJO GABRIEL (falando)

Pastores, ide a Belém.

ANDRÉ

Tivaldinho, não te digo
que nos chama não sei quem?

TIVALDINHO

Bem no ouço eu, porém
que tem Deus de ver comigo?

ANDRÉ

Isso é parvoejar!

Levantai-vos, companheiros,
que por vales e outeiros
não fazem nego chamar
por pastores e vaqueiros.

ANJO GABRIEL

Pera a festa do Senhor,
poucos pastores estais.

PAIO VAZ

Vós bacelo quereis pôr
ou fazer algum lavor
que tanta gente ajuntais?

ANJO GABRIEL

Vós não sois oficiais
senão de guardardes gado.

BRAZ CARRASCO

Dizei, Senhor, sois casado?
Ou quando embora casais?

ANDRÉ

Oh! Como és desentoadado!

ANJO GABRIEL

Quisera que foreis vós
vinte ou trinta pegureiros.

PAIO VAZ

Antes que vós deis três vãos

Celebração Vicentina. -

bem juntaremos nós
nesta serra cem vaqueiros.

ANJO GABRIEL

Ora trouxe-os aqui
e esperai naquela estrada,
que logo a Virgem sagrada
a Hierusalem vai per hi
ao templo endereçada.

Tocam os Anjos seus instrumentos; e as Virtudes, cantando, e os pastores, bailando, se vão.

